

## PANORAMA DA SÍFILIS CONGÊNITA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL ENTRE 2021 E 2024

Geisa Gabrielli Pessuto<sup>1</sup> (geisagabrielli@rede.ulbra.br), Julia Almeida Varella<sup>1</sup>, Laura De Gasperi Pompermayer<sup>1</sup>, Manoela Palandi<sup>1</sup>, Nathan Gabriel Pies<sup>1</sup>, Normélio Augusto Bitello<sup>1</sup>, Paulo Roberto Carvalho Rosado Júnior<sup>1</sup>, Orgel de Oliveira Carvalho Neto<sup>1</sup>, Carolina Galarza Vargas<sup>1</sup>, Luiza Orige de Azevedo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Acadêmicos de Medicina da Universidade Luterana do Brasil

### INTRODUÇÃO

A sífilis congênita ocorre pela transmissão vertical do *Treponema pallidum*, podendo causar óbito fetal, prematuridade e baixo peso. O diagnóstico precoce é difícil, pois a maioria dos recém-nascidos é assintomática ou apresenta sintomas inespecíficos.

### OBJETIVOS

Análise do perfil epidemiológico da Sífilis Congênita no Rio Grande do Sul.

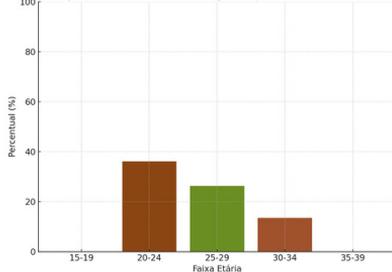
### MÉTODOS

Estudo descritivo de abordagem ecológica. Realizou-se uma análise do perfil das crianças diagnosticadas com SC entre 2021 e 2024, a partir dos dados coletados no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), considerando as variáveis: sexo, faixa etária e escolaridade maternas além de óbitos por faixa etária materna.

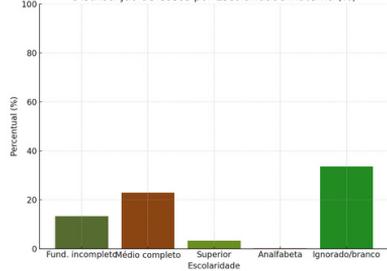
### RESULTADOS

Entre 2021 e 2024, foram registrados 6.549 casos de sífilis congênita no estado. A faixa etária materna mais afetada foi de 20 a 24 anos (36,1%), seguida por 25 a 29 anos (26,3%) e 30 a 34 anos (13,5%). Quanto à escolaridade materna, a maior parte dos registros revelou mães com ensino médio completo (22,9%) e ensino fundamental incompleto (13,3%), mas a categoria ignorado/em branco liderou com 33,6%. Níveis de escolaridade mais altos, como ensino superior, representaram uma proporção pequena dos casos (3,3% somados), assim como mães analfabetas (0,2%). Em relação aos óbitos, foram contabilizados 61 (0,93%). Quanto aos óbitos por faixa etária materna, a maior prevalência foi entre 20 e 24 anos com 21 (34,4%) mortes, mas também foram relatados 7 (11,4%) entre 15 e 19 anos, 16 (26,2%) entre 25 e 29 anos, 15 (24,5%) entre 30 a 34 anos e 2 (3,2%) entre 35 a 39 anos.

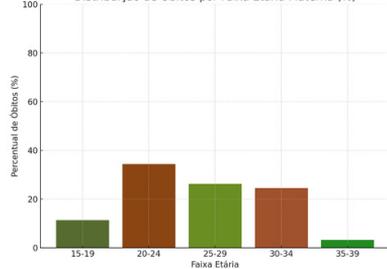
Distribuição de Casos de Sífilis Congênita por Faixa Etária Materna (%)



Distribuição de Casos por Escolaridade Materna (%)



Distribuição de Óbitos por Faixa Etária Materna (%)



### CONCLUSÃO

Os dados analisados denunciam a persistência da sífilis congênita como um problema de saúde pública no Rio Grande do Sul, a partir da taxa de óbitos neonatais, ainda que proporcionalmente baixa, é alarmante. Os resultados evidenciam a importância de estratégias mais eficazes para a prevenção, diagnóstico precoce e tratamento adequado da sífilis em gestantes jovens, na faixa etária de 20 a 24 anos, com ênfase na ampliação do acesso ao pré-natal e na conscientização sobre a doença, visando a redução da transmissão vertical e das complicações associadas.